



## UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL A PARTIR DA PRODUÇÃO DE LARANJA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Rutiana de Siqueira  
Lucas Mauricio Willecker dos Santos  
Janderlei Velasque Dal Osto

### Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar a produção de laranjas no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nos anos de 2004 e 2014. A metodologia baseou-se no levantamento dos dados através do site do Sistema de Recuperação Automática (SIDRA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Assim, foi possível realizar uma análise da dinâmica da produção de laranja no Rio Grande do Sul que se concentra na parte Norte do Estado, pelo fato da estrutura fundiária que faz com que agricultores familiares tenham uma diversificação de culturas para uma maior rentabilidade.

**Palavras-chave:** Regionalização. Geografia Regional. Produção de Laranja. Desenvolvimento Regional. Rio Grande do Sul.

### 1 INTRODUÇÃO

O espaço rural gaúcho ao longo dos tempos vem apresentando transformações na sua estrutura fundiária, onde a inserção do capital permite que locais se organizem e/ou reorganizem. Conforme, a demanda do mercado externo, e de acordo com as escalas local, regional, nacional e internacional é que os lugares diferenciam-se, assim, com o grau do desenvolvimento técnico criam-se novos arranjos espaciais com distintas dinâmicas espaciais.

O conceito de região caracteriza-se pela passagem de várias transformações ao longo de todas as escolas geográficas, como a Geografia Tradicional, a Nova Geografia e a Geografia Crítica. A primeira escola usa critérios físicos para o entendimento do conceito região, chamada de Região Natural. Já a Nova Geografia, é embasada no positivismo e visão sistêmica, onde analisa a região como disparidades regionais, desta forma, a última escola compreende região como uma resposta ao modo de produção capitalista, pois seus principais teóricos basearam-se em estudos de Karl Marx, adotando critérios econômicos e de modo de produção.

Contudo, a região acompanhou a evolução do pensamento geográfico e proporcionou o conhecimento das singularidades dos espaços, sendo que ao longo



dos anos ocorreram várias quebras de paradigmas para um melhor aperfeiçoamento do conceito. Ressalta-se que os termos região e regionalização são distintos, onde região é caracterizada por um conceito epistemológico, que sofreu alterações durante as escolas geográficas, já a regionalização é definida por ser a divisão de um espaço geográfico em regiões, no qual deve ser realizado por meio de critérios como ecológico, social, cultural, político e econômico.

Nesse sentido, presente trabalho tem por finalidade regionalizar a produção da laranja no Rio Grande do Sul, no qual foi estabelecida a escala temporal de dez anos (2004 e 2014). Essa temática possui relevância, pelo fato de ser uma nova alternativa de mão – de – obra e rentabilidade para esses agricultores rurais, uma vez que essa produção atualmente no Estado Gaúcho vem ganhando espaço, por meio de incentivos governamentais e aumento da demanda do mercado interno e externo.

Ressalta-se que hoje o Rio Grande do Sul é o sexto maior produtor de laranja no Brasil e que desde a década de 90 a cultura vem expandindo-se pelo Estado, porém não é de forma homogênea, possuindo pontos com maior significância.

Além disso, a indústria de concentrado de laranja ao longo dos anos elevou seu potencial, no qual integra valor a esse agronegócio, sendo hoje o Brasil maior exportador mundial de suco concentrado de laranja.

Desta forma, a partir da regionalização na escala temporal de dez anos pretende-se elaborar uma análise para interpretar as transformações ocorridas no Rio Grande do Sul, resgatando um levantamento histórico da produção da laranja para compreensão da sua distribuição no espaço gaúcho. Assim, a regionalização torna-se importante para compreender e resgatar as modificações ocorridas nesses períodos.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O termo região é um dos termos mais tradicionais da ciência geográfica, sua compreensão é caracterizada por ser o “core” do trabalho geográfico, e sem o entendimento do conceito as análises geográficas ficam sem significados.

Segundo Corrêa (2000), o termo região não apenas faz parte do linguajar do homem comum, como dos mais tradicionais em Geografia, e tanto um como outro



estão ligados à noção de diferenciação de áreas. Assim, o termo região desde muito tempo, passa por distintas transformações, assumindo diferentes paradigmas na Geografia.

A utilização do termo entre os geógrafos, não é harmônico, no qual há diferenciações nas conceituações de região e cada uma delas tem seu significado próprio e insere-se dentro das correntes do pensamento geográfico como: Geografia Tradicional, Nova Geografia e Geografia Crítica. Dessa maneira, isto quer dizer que quando falamos em região, estamos nos remetendo a uma das correntes geográficas. (CORRÊA, 2000).

Na Geografia Crítica o conceito de região torna-se distinto, a região passa a ser vista como um sistema que promove o desenvolvimento desigual, não sendo uma uniformidade espacial. No entanto, é caracterizada pelas suas múltiplas relações que o circulam, onde cada lugar possui suas especificidades, tornando esses determinados espaços diferenciados. Desta forma, a regionalização caracteriza-se por um processo que envolve tanto a fragmentação e/ou a sua integração.

Nesse sentido, Haesbaert (1999, p. 17) afirma que “regionalização é um processo amplo, instrumento de análise para o geógrafo em sua busca dos recortes mais coerentes, que deem conta das diferenciações no espaço”. Assim, regionalização deve ser entendida não somente pelo ato de dividir os espaços por seus critérios, mas como um processo de reconstrução social no espaço.

A partir da década de 70, as ciências, de um modo geral, são chamadas de prática social, e a Geografia teve que se inserir, pois estava acusada de ser acrítica, ideológica e conservadora. Assim, o conceito região passa transformações, onde na Geografia Tradicional é um dos temas mais presentes, já na Nova Geografia seu principal desmembramento é pelo planejamento, e por final reaparece no interior da Geografia Crítica, firmando o materialismo histórico e dialético e também nas Geografias Humanistas e Culturais, que se baseiam na fenomenologia e na percepção. (BEZZI, 2004).

A Geografia Crítica surgiu durante a década de 70, foi fundada no materialismo histórico e na dialética, no qual se trata de uma revolução que procura romper, de um



lado, com a Geografia tradicional e do outro com a Geografia teórica – quantitativa. Desta forma, intensos debates ocorreram entre geógrafos marxistas e não marxistas daquela década. (CORRÊA, 2003).

Os três conceitos que emergem após 1970 tem um ponto em comum, o fato de estarem ligados na concepção da persistência da diferenciação das áreas, onde não compartilham a ideia que o mundo não está tornando-se homogêneo, indiferenciado e que as regiões estejam desaparecendo, mas ao contrário admitem essa transformação dos processos, com a percepção da diferenciação das áreas. Bezzi (2004, p. 183) “a região pode ser estudada de formas diferentes e entendida como determinação local ou como o território no qual a região, os indivíduos e as instituições integram-se no tempo e no espaço”.

A internacionalização do capital produtivo, paralela com a fase técnico – científica atual do imperialismo, veio por a mostra a debilidade do conceito, pelo menos em sua noção clássica. Com o processo de acumulação a um novo ritmo e as localizações das atividades rentáveis tornam-se mais seletivas, no qual os países do centro do sistema manifestam-se pela concentração econômica e espacial dos capitais, que apesar da distribuição dos equipamentos coletivos, terminam colocando a mostra antigas desigualdades, pela desigualdade na criação do empobrecimento, isto torna evidente a questão regional, ganhando uma nova amplitude e um novo significado. (SANTOS, 1997, p.66)

Assim, o que pode constatar que o desigual desenvolvimento geográfico é fruto da articulação entre o modo de produção capitalista dominante e suas distintas relações, no qual surgem espaços e regiões dominantes.

Desta forma, fica evidente, então, pelas considerações anteriores, que a região continua a existir e a desafiar os geógrafos na busca de um conceito mais atual, porém é necessário deixar claro que, com as constantes mudanças devido à globalização do mundo não é mais o mesmo. E entender região hoje é vê-la como um “produto” de articulações que são engendradas, constantemente no espaço. (BEZZI, 2004).



A metodologia do presente trabalho foi estruturada em etapas. Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema proposto, por meio de livros, artigos, revistas, para estabelecer as matrizes teóricas. Posteriormente, resgataram-se os dados no Sistema de Recuperação Automática (SIDRA/IBGE), com a escolha da variável de quantidade produzida, essas caracterizadas como fontes secundárias. A escala temporal utilizada foi no intervalo de dez anos (2004 e 2014), para uma melhor análise espacial da produção da laranja.

Após definir as matrizes teóricas, a segunda etapa estruturou-se na análise dos dados obtidos pelo SIDRA, para a possível regionalização do tema proposto. A terceira etapa constitui-se na elaboração dos mapas, através do aplicativo ArcGis 10. Ressalta-se que para a possível regionalização foi aplicada a fórmula de Sturges, que se caracteriza por proporcionar os intervalos de classes usados para elaboração dos mapas, desta forma, esse resultou em sete intervalos de classes nas duas respectivas espacializações.

A quarta etapa, realizou-se pela análise e interpretação das transformações ocorridas nas duas regionalizações, para verificar o motivo de índices mais elevados de produção de laranja em algumas microrregiões, e as suas inserções nessa cultura.

### **3 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Atualmente, o Rio Grande do Sul é o sexto maior produtor de laranjas do Brasil com uma produção média de 370. 592 toneladas no período de 2009 a 2011 (1,9% da produção nacional), segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. A partir da década de 90 a cultura de citros expandiu-se no Estado, com índices mais significativos de produção no Alto Uruguai e no Vale do Caí. Ressalta-se que nessas regiões a citricultura é de base familiar, diferente da Campanha Gaúcha, que estão sendo implantados pomares empresariais de trinta a trezentos hectares.

Nos últimos anos a cadeia produtiva da citricultura vem ganhando importância econômica e social no Brasil, sendo hoje um o maior produtor mundial de suco concentrado de laranja. Desta forma, no Estado Gaúcho desde 1990 vem inserindo-se nessa cultura e hoje são cultivadas laranjas, tanto para o consumo in natura como para a indústria extratora de suco.



No Rio Grande do Sul, a citricultura foi introduzida por imigrantes açorianos e seus descendentes que haviam se instalado em Taquari e Triunfo por volta do final do século XVIII. Posteriormente, ainda no final do século XIX, a produção de frutas cítricas, começou no Vale do Rio Caí, com imigrantes germânicos e, bem recentemente, nas últimas décadas do século XX, é que vem se desenvolvendo de forma comercial em outras regiões do Rio Grande do Sul.

O Alto do Uruguai e o Vale do Caí, uma vez que sua estrutura fundiária caracteriza-se por uma produção familiar, seus agricultores rurais diversificam sua produção para uma maior rentabilidade, no qual nos últimos anos a fruticultura vem aumentando os seus índices de produção, e isto se deve ao incentivo local de órgãos governamentais, bem como, as prefeituras dos respectivos municípios e empresas como Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), além de Cooperativas e Associações bem implementadas nessas regiões, que incentivam cada vez mais agricultores familiares a inserirem-se nessa cultura.

Ressalta-se que os agricultores por terem uma alternativa de exploração agrícola diversificando sua produção para o sustento de suas propriedades rurais e aumento de sua rentabilidade, por meio de pomares da laranja e de outros citros como tangerina e limão fortalecem a economia do município, além disso, favorece o equilíbrio ecológico através da recomposição da cobertura vegetal permanente e recuperação de solos.

No Estado Gaúcho são cultivadas, principalmente laranjas e bergamotas, tanto para consumo in natura como para a indústria extratora de suco. Contudo, as variedades de laranjas de Umbigo e Céu, apresentam uma finalidade para o consumo in natura, principalmente por terem características mais adocicadas. O destino dessa produção é, portanto, a comercialização em fruteiras, Ceasa, supermercados, feiras, entre outros estabelecimentos. Ressalta-se que as laranjas representam a principal espécie cítrica cultivada no país.

Outros aspectos favorecem o crescimento do cultivo da laranja no Estado, é a sua situação climática favorável ao seu desenvolvimento, no qual as precipitações regulares favorecem o crescimento da planta, além de diferenças de temperaturas diurnas e noturnas, em que as noites são frias e os dias com temperaturas amenas e



ensolarados, determinam o bom equilíbrio entre acidez e doçura. Porém outros fatores condicionam o crescimento da produção da laranja no Estado como: crescimento econômico tanto interno como externo, consolidação no mercado interno, criação de marcas regionais, investimento regional na educação dos agricultores sobre o cultivo, oferta de mão – de – obra.

Figura 1: Mapa da Produção de laranja no Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2004



Na regionalização da produção da laranja no ano de 2004, pode-se constatar que das trinta e cinco microrregiões geográficas do Rio Grande do Sul, apenas três delas destacam-se na produção da laranja, são elas: Erechim, Frederico Westphalen e Montenegro. As microrregiões de Erechim e Frederico Westphalen classificaram-se na classe dois com uma produção entre 17435 e 34795 de toneladas. E o representante com maior produção é a microrregião de Montenegro classificada na classe sete, com uma produção de 105.888 de toneladas.

Desta forma, mediante a análise as microrregiões de Erechim e Frederico Westphalen, começam a implementação de seus pomares de laranja a partir do ano



de 1995, através do incentivo por um técnico da EMATER, Secretárias Municipais e parcerias com outras entidades, pelo Programa de Reconversão da Matriz Produtiva, sendo incorporadas novas variedades de plantas frutíferas, como a da laranja, aumentando a área plantada e o número de famílias envolvidas. Ressalta-se que esse programa incentivado pela EMATER e órgãos locais não estimulou somente a produção da citricultura, como também fumo, leite, videiras, entre outras.

Contudo, ano após ano o plantio de mudas cítricas aumentou, principalmente pelo incentivo da EMATER e prefeituras, que proporcionaram cada vez mais o número de inscrição de produtores interessados no Programa, implementando pomares em virtude do próprio interesse dos produtores em ter mais uma atividade de renda na propriedade. Desse modo, constatou-se que o destino dessas frutas é tanto para indústria extratora de citros, e vendas em supermercados ou fruteiras. As principais indústrias que recebem a produção dessas microrregiões são: TECNOVIN em Bento Gonçalves, CITROFOODS que recebe parte da produção desses municípios, para o destino da industrial. Além, das indústrias extratoras de citros são destinados para Ceasa em Porto Alegre, com duas principais variedades a laranja de umbigo e do céu.

Outra variedade plantada nas duas microrregiões é a Valência que representa 88,74% da produção regional, que se caracteriza para aptidão do suco. Os produtores destinam essa parte da produção para fruteiras, supermercados e padarias, que serão ofertadas para o consumo in natura ou utilizadas na fabricação de diversos produtos como bolos, bolachas e tortas. Os municípios que se destacaram com maior produção dessa variedade são: Planalto, Itatiba do Sul, Alpestre, Severiano de Almeida e Aratiba.

Os municípios da microrregião de Montenegro são caracterizados por terem um alto índice na produção de frutos cítricos, pois desde século XIX imigrantes portugueses dedicam-se a essa atividade, tanto para autoconsumo, como para atender o mercado de Porto Alegre e Rio Grande. Desta forma, o que torna expressivo a produção na região é que desde séculos anteriores a produção de laranjas é expressiva, no qual o agricultor familiar dedica-se em tempo médio para essa cultura. Além disso, desde 1994 a cooperativa ECOCITRUS, passou a produzir laranjas e bergamotas, no qual não comercializa in natura, mas processa estas frutas e



comercializa sucos naturais e concentrados, com quase 100% das frutas que recebe de seus associados.

Essa cooperativa destaca-se na região, pelo fato de ter seu cultivo ecológico, que abrange no total de cinquenta famílias envolvidas na produção, onde sua produtividade é vendida de Montenegro para Porto Alegre, entre outros Estados. Além, dessa cooperativa expressiva na microrregião, em Montenegro a empresa MONTESUCOS produz desde 2001 sucos concentrados de laranja, uva, pêssego, entre outros sabores, óleos essenciais (laranja, tangerina limão), no qual está localizada estrategicamente no município, muito próximos aos produtores de frutas cítricas e uva.

Em Bento Gonçalves a TECNOVIN, é uma das maiores processadoras de frutas da indústria alimentícia, bebidas, cosméticos e químicos. A indústria destaca-se na produção de sucos para muitas empresas como Coca – Cola e Nestlé, e também vem trabalhando com sua própria marca chamada de Suvalan, com produção de sucos de laranja, maçã, uva, entre outros. A empresa destaca-se pela compra da produção da laranja na microrregião de Montenegro e também nas microrregiões de Erechim e Frederico Westphalen. Além dessas duas empresas expressivas no mercado da laranja e também dos outros citros, a SUCOS PETRY de Porto Alegre e a NATURASUC de Farroupilha.

Os principais municípios predominantes no ano de 2004 nesse tipo de cultivo foram: Tupandi, São José do Sul, São José do Hortêncio, Pareci Novo, Montenegro, Maratá, Harmonia, Capela de Santana e Bom Princípio, no qual os valores de produções ultrapassam milhões de reais.

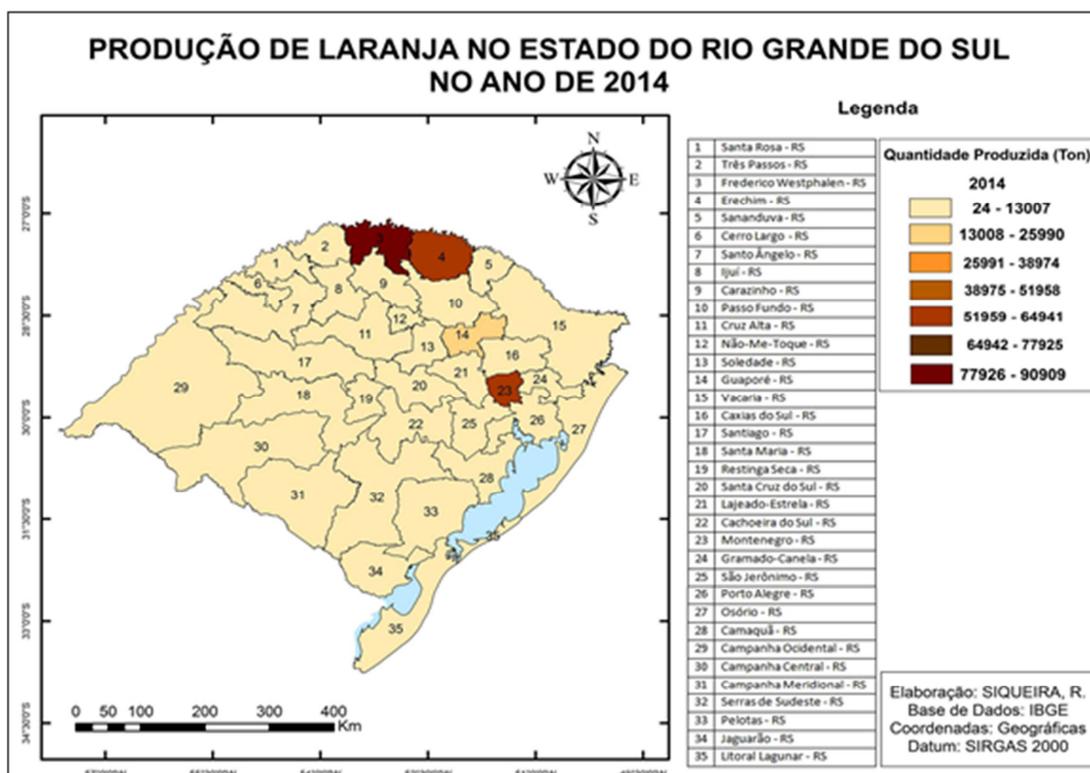
No entanto, na regionalização de 2014 (Mapa 2), pode-se verificar que as três microrregiões com predominância no cultivo em 2004, permanecem como as mais produtoras do Estado Gaúcho. Porém, constatou-se que a microrregião de Montenegro teve um alto índice de declínio da cultura que passou de 105.888 mil toneladas (2004) para 56728 mil ton (2014), deste modo, passa da sétima classe para a quinta classe, no qual também se classifica a microrregião de Erechim.



Tal justificativa para o decréscimo da produtividade na microrregião de Montenegro deve-se pela conversão para o cultivo das bergamotas, em que muitos pomares de laranja passaram por crises de doenças como pestes, antracnose, que obrigou a supressão dessa cultura. Porém, como as plantações de tangerina não estavam contaminadas pelas pragas, elevaram-se suas produções. Outro motivo foi o custo da produção, pois com a manifestação das doenças exigiu-se maiores desembolsos para os produtores, no entanto, o preço da fruta não acompanhou os custos produtivos. Contudo, mediante os problemas enfrentados pelos produtores, alguns citricultores simplesmente abandonaram os pomares para o cultivo de acácias e eucaliptos.

Além disso, houve o surgimento de novas regiões produtoras, como o Alto Uruguai, que se consolidou como forte região no cultivo de laranjas, assim como a Fronteira Oeste, como polo produtor de citros sem sementes.

Figura 2: Mapa da Produção de laranja no Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2014





Já a microrregião de Frederico Westphalen no ano de 2014 destacou-se entre as demais, com uma produção entre 77.926 a 90.909 mil ton. Ressalta-se que a classe sete está em menor quantidade produtiva que no ano de 2004, onde esta classe era de 104. 237 entre 121.596. Porém, esse declínio não demonstra que a produção do Rio Grande do Sul diminuiu, pois segundo o SIDRA em 2004 a quantidade produtiva foi de 356.398 mil ton, já em 2014 apresentou um índice de produção de 379.100 mil ton, isto comprova que a produção não apresentou decadência, uma vez que o cultivo no Estado ficou mais homogêneo, pois outras microrregiões aderiram a cultura como a região da Campanha Gaúcha.

Desta forma, por meio do Programa da Citricultura para incentivar o plantio de citros nas regiões do Alto Uruguai, que produtores das microrregiões de Erechim e Frederico Westphalen, além de fatores condicionantes como sua localização geográfica favorável, aumentaram a sua produção, implementando novos pomares e outras variedades do cultivo.

A variedade da valência ocupa lugar de destaque entre os produtores, das microrregiões de Erechim e Frederico Westphalen, no qual se caracteriza pela sua boa produtividade e pelo tamanho adequado dos frutos, apresentando quatro tipos de comercialização: exportação de fruta fresca, mercado interno e suco concentrado congelado.

Nesse sentido, na regionalização de 2014, pode-se constatar que a microrregião de Guaporé apresentou relevância na produção de laranja, em detrimento as outras microrregiões do Rio Grande do Sul. Tal fato está relacionado ao aumento do mercado de citros, e pela inserção de novas empresas e Cooperativas no Norte do Estado, como: TECNOVIN em Bento Gonçalves, ECOCITRUS que atua no mercado orgânico de sucos, a MONTESUCOS de Montenegro, a SUCOS PETRY de Porto Alegre, a NATURASUC de Farroupilha.

Como podemos observar, os mapas de regionalização permitiram uma análise visual da dinâmica da produção da laranja no Estado do Rio Grande do Sul, que se concentra na parte Norte do Estado, pelo fato da estrutura fundiária que faz com que agricultores familiares tenham uma diversificação de culturas para uma maior rentabilidade.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da laranja no Rio Grande do Sul está crescendo de forma significativa, porém ainda está concentrada em algumas regiões como o Alto do Uruguai e Vale do Caí, onde os índices de produção são bastante consideráveis. Além disso, na campanha também está tomando destaque nesse cultivo, implementando pomares empresarias, no qual demonstra a valorização da cultura no Estado.

Apesar de a produção ser significativa nessas regiões, ainda existe um imenso potencial a ser explorado, pois a maioria das microrregiões geográficas do Estado Gaúcho apresentam características climáticas favoráveis para a produção de citros com alta qualidade para conquistar mercados mais exigentes.

Dessa maneira, diante dos resultados obtidos pode-se observar que a produção da laranja no Estado ainda está em expansão, e um dos fatores para esse crescimento está relacionado ao conhecimento das qualidades nutricionais, no qual a demanda para o consumo de sucos tem se elevado, pois não fazem parte somente da dieta brasileira, mas do mundo todo.

## REFERÊNCIAS

BERTAZZO, Cláudio José. **A agricultura de base ecológica no Corede Vale do Caí (RS)**. 2009. 268 f. Tese. (Doutorado em Produção do Espaço Geográfico) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

BEZZI, Meri Lourdes. **Região: uma (re) visão historiográfica** – da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria: UFSM, 2004. 291 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Produção Agrícola Municipal 2004 e 2014. Tabela 1613. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=1613>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização**. Niterói: DEGEO/UFF, 1999.

VIII Seminário Internacional sobre

## Desenvolvimento regional

Territórios, redes e  
Desenvolvimento Regional:  
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação  
**Desenvolvimento  
Regional**  
mestrado e doutorado



OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

ROSA, Cesar. **Levantamento de dados da área cultivada e as variedades de citros na região do Alto Uruguai - Rio Grande do Sul**. 2010. 50f. Monografia. (Gestão do Agronegócio) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 4.ed São Paulo: Nobel, 1997.

TORRES, Oscar. Fruticultura no Noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista Desenvolvimento Regional**. Faccat – Taquara/RS – v.11, n.1, jan./jun2014.